



Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers
Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.
Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
TEXTOS EM HOMENAGEM	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.)	317
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português	341
ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social	359
JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa	387
ELISA DE SOUSA	
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal	403
ANA MARGARIDA ARRUDA	
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira	425
AMILCAR GUERRA	
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977	439
CATARINA VIEGAS	
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha	467
RUI M. S. CENTENO	
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal	481
LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	
À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA	489
Victor S. Gonçalves (1946-). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album	549
Fotobiografia	558
LIVRO DE CUMPRIMENTOS	619
ÚLTIMA PÁGINA	623

BÁCULOS E PLACAS DE XISTO: OS PRIMÓRDIOS DA SUA INVESTIGAÇÃO

JOÃO LUÍS CARDOSO¹

RESUMO

Dá-se a conhecer a existência de uma litografia – a última de um conjunto de 10 representando dolmenes portugueses, relativa a materiais arqueológicos com eles relacionados. Trata-se das primeiras reproduções de um báculo e de quatro placas de xisto executadas em Portugal para publicação científica, a qual, contudo, não se veio a concretizar, em resultado da extinção em 1868 da Segunda Comissão Geológica de Portugal. Através da pesquisa bibliográfica foi possível traçar o percurso de tais exemplares desde a época em que se conservavam no museu da referida comissão até ao seu actual paradeiro no Museu Nacional de Arqueologia, passando pelo Museu da Escola Politécnica de Lisboa. Tal realidade reflecte as vicissitudes da investigação pré-histórica em Portugal na segunda metade do século XIX/ inícios do século XX.

ABSTRACT

The author shows the existence of a lithograph – the last of a set of 10 lithographs Portuguese dolmens and representing the archaeological artefacts related to them. This is the first reproduction of a schist crosier and four schist plaques executed in Portugal for scientific purposes, which, however, was never published, as a result of the dissolution of the Second Geological Commission of Portugal in 1868. Through bibliographic research it was possible to trace the route of such specimens from the time that they were kept in the Geological Commission's museum to its present whereabouts in the National Archaeological Museum, after having remained in the Museum of the Polytechnic School of Lisbon. This reality reflects the vicissitudes of prehistoric research in Portugal in the second half of the nineteenth century / early twentieth century.

¹ Universidade Aberta. Academia das Ciências de Lisboa. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.
cardoso18@netvisao.pt

1. ANTECEDENTES

A identificação de placas de xisto em Portugal como objectos pré-históricos remonta aos inícios da segunda metade do século XIX, embora ainda na primeira metade do século XVIII Estêvão Lis Velho tenha desenhado uma placa de xisto, recolhida em 1591 em depósito funerário existente junto à praia de São Torpes (Sines) (Velho, 1746), atribuído à sepultura daquele santo, falecido em Pisa, no ano de 65 d.C. Tal placa conservou-se até ao século XX, a par de alguns restos humanos e de um recipiente de barro, pois foram observados por Leite de Vasconcelos, que desenhou de novo a placa (Vasconcelos, 1914), reconhecendo-lhe o seu verdadeiro significado arqueológico (Silva e Soares, 1981).

As placas de xisto só voltam a ser tratadas, agora pela primeira vez numa perspectiva científica, por Francisco António Pereira da Costa, Lente de Mineralogia da Escola Politécnica e membro co-director da segunda Comissão Geológica de Portugal (1857-1868). Foi ele quem primeiro valorizou tais artefactos, no âmbito das tarefas desenvolvidas naquela comissão, envolvendo o inventário, registo e exploração dos monumentos megalíticos do território português. Tendo sido nomeado membro correspondente do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Paris em Agosto de 1867, Pereira da Costa enviou uma Memória ao Congresso, abordando em parte os monumentos megalíticos portugueses, que constitui o primeiro contributo de base científica sobre tais manifestações no território português. Os monumentos megalíticos ocupam a maior parte da Memória, com a inventariação de trinta e nove dólmenes, distribuídos pelo Alentejo, Estremadura, Beira e Trás-os-Montes. Tal Memória, cuja apresentação oral foi ilustrada por moldes em gesso expressamente preparados em Lisboa para o efeito foi incluída no volume das actas, sob a forma de notícia apresentada por Gabriel de Mortillet (Mortillet, 1868a, b). A mesma resultou em boa parte de trabalhos de campo realizados por diversos membros da Comissão Geológica, designadamente Carlos Ribeiro e Nery Delgado, a par de outros, como Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, com a ajuda preciosa dos colectores, cujo papel foi determinante nos primeiros reconhecimentos geológicos do país, embora este usualmente seja esquecido (Carneiro, 2005; Carneiro, Mota e Leitão, 2013).

A participação de Pereira da Costa no Congresso de 1867 intitulada «Monuments mégalithiques du Portugal», respeitou, no entanto, a temática muito mais abrangente, distribuída por seis questões principais, das quais a relativa aos dólmenes correspondia a uma delas (Mortillet, 1868b, p. 181 e seg.). As questões, em plena sintonia com as temáticas mais importantes discutidas na referida reunião, são as seguintes:

- 1.^a – Traces les plus anciennes de l'existence humaine ;
- 2.^a – Habitation des cavernes, etc., etc.;
- 3.^a – Monuments mégalithiques;
- 4.^a – Apparition du bronze;
- 5.^a – Époque du fer;
- 6.^a – Races humaines préhistoriques.

Os comentários, ainda que muito sintetizados, relativos a cada um dos tópicos indicados correspondem à primeira síntese no que ao território português dizia respeito, ao nível do melhor que então se fazia além-Pirenéus, já que a qualidade e a diversidade da investigação então produzida em Portugal sobre os tempos pré-históricos não era acompanhada pela efectuada em Espanha, na década de 1860, apesar de existirem notáveis contributos isolados, mas sem enquadramento oficial, como o de D. Manuel de Góngora y Martinez, ao contrário do que sucedia em Portugal na mesma época (Góngora y Martinez, 1868).

Esse impulso na investigação arqueológica desenvolvida pelo Estado, veio a ser confirmado logo no ano seguinte, com a publicação de monografia sobre esta temática – uma das primeiras sínteses de carácter geográfico a ser produzida em todo o mundo – (Costa, 1868) apenas três anos após a vinda a lume da conhecida obra de A. de Bonstetten, «Essai sur les dolmens» (Bonstetten, 1865), obra aliás frequentemente citada, entre outras, por Pereira da Costa na sua monografia. Nela se publica conjunto de elementos por si coligidos em 1867, que bem evidenciam a actualização dos conhecimentos do seu autor. Declarou então Pereira da Costa: «desejoso de dar ao congresso uma noticia sobre estes monumentos do nosso paiz, fiz uma digressão, em que empreguei apenas treze dias, e fui ver e explorar as Antas, que ainda hoje se acham em melhor ou peor estado no concelho de Castello de Vide, na provincia do Alemtéjo.» (Costa, 1868, p. VII). Desta missão resultou lista de treze antas, das quais visitou oito e promoveu a escavação de quatro, ainda que com fracos resultados. Além daqueles dados, coligiu ainda informações de outros cinquenta sepulcros megalíticos, baseando-se noutros autores mas, aparentemente, sem a sua confirmação *in loco*.

Daí a importância do seu desafio:

«Oxalá que este fraco começo disperte nas pessoas que se acharem em condições oportunas para ampliar os conhecimentos a este respeito, o desejo de fazerem conhecidos a existencia, e o estado d'estes monumentos, que apesar da devastação a que teem estado sujeitos, ainda abundam em algumas das nossas provincias, principalmente no Alemtejo e nas Beiras. Só depois de bem conhecida a distribuição d'estes monumentos no nosso paiz, é que se poderá conhecer a marcha que n'elle executou o povo que os construiu.» (Costa, 1868, p. VIII).

Esta memória mereceu análise e divulgação além-fronteiras; com efeito, logo no mesmo ano, Gabriel de Mortillet apresenta notícia da mesma nos seus «Matériaux pour l'Histoire de l'Homme» reproduzindo o inventário dos dólmenes identificados em Portugal apresentado por Pereira da Costa (Mortillet, 1868a).

Foi pena que o diferendo que se estabeleceu nessa altura entre Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, o outro membro-director da Comissão Geológica (Cardoso, 2015), tivesse, a curto prazo, ditado, na Primavera de 1868, o fim da instituição (Cardoso, 2013b) e, com ele, o da intensa investigação, tanto a nível paleontológico como antropológico e arqueológico que Pereira da Costa nela vinha desenvolvendo.

Mas a dissensão já teria antecedentes, que explicam a suspensão da execução dos trabalhos tipográficos de um álbum ilustrado por litografias coloridas de exemplares pré-históricos coligidos pela Comissão Geológica, o qual se destinava a apresentação na Exposição Universal de Paris de 1867. É o próprio Pereira da Costa que o declara (Costa, 1868, p. V):

«Por ocasião da Exposição que se projectou fazer, fui encarregado, por uma resolução da Commissão directora dos Trabalhos Geologicos, de fazer um catalogo descriptivo e ilustrado com figuras dos principais objectos existentes na colecção da Commissão geológica, e que pertencem à anthropologia e à arqueologia prehistoricas do nosso paiz.

Depois de ter feito a escolha e descripção dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d'esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d'este trabalho (...).»

Esse conjunto de estampas, foi, entretanto publicado (Carreira e Cardoso, 1996), permanecendo ainda por dar à estampa um belíssimo conjunto de dez litografias representado dolmenes, e outros artefactos neles recuperados, cuja localização, salvo excepções, se desconhece. É nesse conjunto de

dez litografias, até ao presente inéditas, com excepção de uma, representando dezasseis dólmenes (Cardoso, 2002), que se integra uma única estampa reproduzindo alguns dos exemplares neles recolhidos, entre os quais um báculo e quatro placas de xisto, uma delas incompleta, que constituirão o objecto deste contributo.

2. OS MATERIAIS

A Estampa X, a última do conjunto de dez litografias representando dólmenes, realizadas sob orientação de Pereira da Costa, possui, como as restantes, as dimensões de 0,50 por 0,32 m, apresentando-se impressa em papel encorpado, tendo sido litografada por Castro, cujo nome se encontra impresso no canto inferior esquerdo. Os desenhos foram feitos a carvão e possuem uma sobrecarga de coloração cinzenta-clara, procurando-se reproduzir assim, de forma aproximada, a cor original dos objectos reproduzidos.

Trata-se de nove desenhos de materiais arqueológicos (Fig. 1), sem indicação de proveniência. Tal facto tornava esta estampa quase desprovida de interesse científico, não fosse a possibilidade de, mediante o estudo o comparativo realizado e o recurso a documentação inédita do arquivo de Estácio da Veiga, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, ter sido possível recuperar tal informação, nos exemplares que a este trabalho interessam particularmente e que são os seguintes:

Fig. 1, n.º 1 – Báculo de xisto, decorado de um só lado, com o comprimento máximo aproximado de cerca de 28,5 cm. Em 1878 Augusto Filipe Simões reproduz este exemplar, mas não a partir de presente litografia, referindo-se-lhe nos seguintes termos: «No museu da Escola Polytechnica há uma espécie de báculo (...) de schisto negro e com ornatos parecidos aos das placas. Apareceu na Sepultura de Martim Affonso juntamente com facas de sílex (...) e com a ponta de lança (Fig. 15)» (Simões, 1878, Fig. 33, p. 53 e 54). Trata-se, com efeito, de uma alabarda de sílex, de belo trabalho bifacial, conservada no Museu Nacional de Arqueologia, onde foi desenhada, conjuntamente com o báculo, ambos ulteriormente publicados por Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1959, Tf. 44, n.º 12, 1 e 2).

Esta peça foi decalcada na década de 1880 sobre folha de papel de seda fino, por Estácio da Veiga (Fig. 2), no âmbito da preparação do seu estudo sobre placas de xisto, inserido no volume 2 das suas «Antiguidades Monumentaes do Algarve» (Veiga, 1887), com a menção: «Sepultura de Martim Affonso/Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa». Desconhece-se qual o tipo de sepultura em causa, sendo provável que não se tratasse de uma anta, pois nesse caso a existência dos grandes esteios não passariam despercebidos, e a referência ao monumento teria obrigatoriamente sido registada por Pereira da Costa, que em 1868 inventariou todos os monumentos daquele tipo até então conhecidos em Portugal (Costa, 1868). Com efeito, Estácio da Veiga refere-se ao sítio simplesmente como depósito mortuário, o qual ficaria a curta distância do concheiro do Cabeço da Arruda (Veiga, 1887, p. 459), sendo assim provável que o mesmo tivesse sido identificado e explorado aquando das escavações de 1864 ali realizadas, sob a iniciativa de Carlos Ribeiro (Cardoso, 2013a).

Fig. 1, n.º 2 – Placa de xisto com o comprimento máximo aproximado de 13,0 cm, igualmente reproduzida por Augusto Filipe Simões (Simões, 1878, Fig. 31). A peça foi ulteriormente decalcada em folha de papel de seda fino por Estácio da Veiga (Fig. 3), com a menção: «Monte Real (Leiria)/Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa. Enviada pelo Sr. Fred. A. de Vasconcellos Pereira Cabral – com a nota de sepultura antiga – onde havia muitos ossos, sílex, etc.»

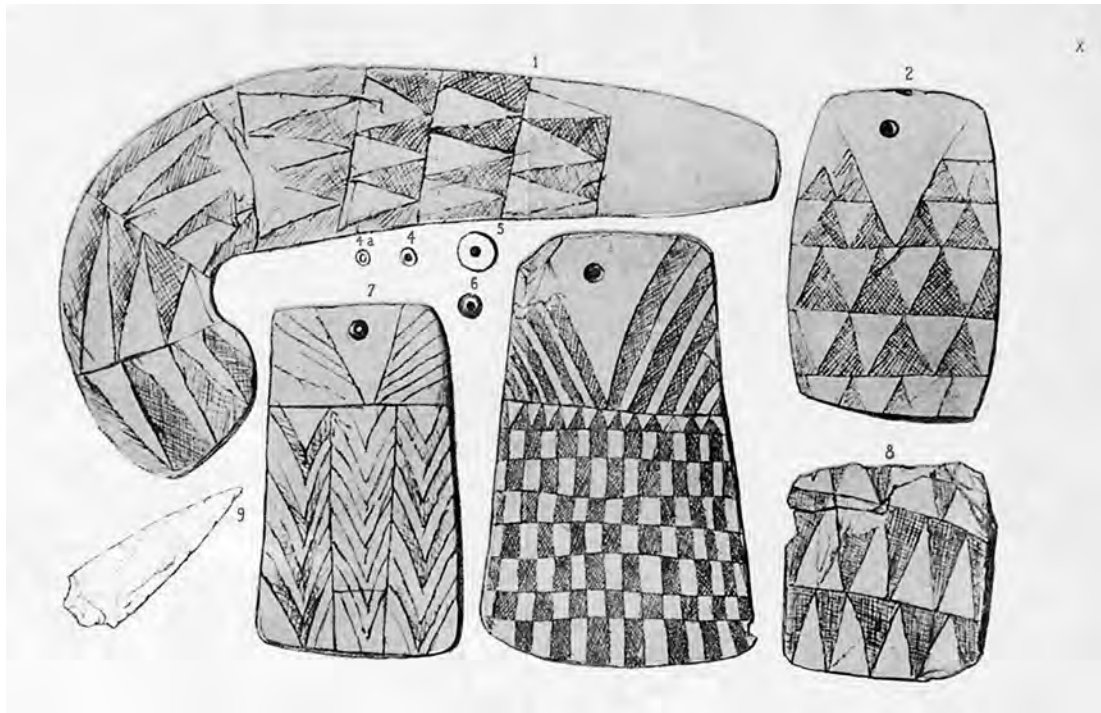


FIG. 1. Estampa litografada até ao presente inédita, representando um conjunto de artefactos provenientes de monumentos pré-históricos portugueses executada por iniciativa da Comissão Geológica de Portugal antes de 1868. Os que interessam a este estudo são os seguintes: 1 – báculo de xisto com decoração numa única face, proveniente da sepultura de Martim Afonso (Muge); 2 – placa de xisto do depósito funerário de Monte Real (Leiria); 3 e 7 – placas de xisto recolhidas aquando da abertura do caminho de ferro, perto de Viana do Alentejo; 8 – fragmento de placa de xisto de origem desconhecida. Arquivo do Autor.



FIG. 2. Báculo da sepultura de Martim Afonso (Muge). Decalque até ao presente inédito de S. P. M. Estácio da Veiga. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de J. L. C.



FIG. 3. Placa de xisto do depósito funerário de Monte Real (Leiria). Decalque até ao presente inédito de S. P. M. Estácio da Veiga. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de J. L. C.

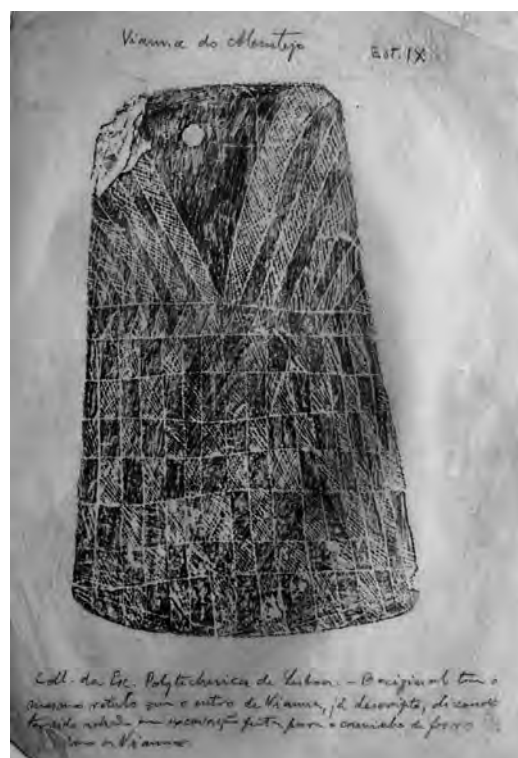


FIG. 4. Placa de xisto recolhida aquando da abertura do caminho de ferro, perto de Vianna do Alentejo. Decalque até ao presente inédito de S. P. M. Estácio da Veiga. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de J. L. C.

Fig. 1, n.º 3 – Placa de xisto com o comprimento máximo aproximado de 17,0 cm. Este exemplar foi decalcado por Estácio da Veiga em folha de papel de seda fino (Fig. 4), com a seguinte legenda: «Vianna do Alentejo/Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa. – O original tem o mesmo rotulo que o outro de Vianna, já descrito, dizendo ter sido achado em excavação feita para o caminho de ferro próximo a Vianna» Foi publicado por Estácio da Veiga (Veiga, 1887, Est. IX) (Fig. 5).

Fig. 1, n.º 7 – Placa de xisto com o comprimento máximo aproximado de 13,8 cm. Este exemplar, até agora inédito, foi decalcado em folha de papel de seda fino (Fig. 6) com a menção: «Vianna do Alentejo/ Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa – o original tem o seguinte rotulo: oferecido pelo sr. Antonio José de Sousa, clinico em Vianna do Alentejo, tendo-a recebido do engenheiro alemão Gustavo Moellhausen encarregado da construção do caminho de ferro da Casa Branca a Beja, que disse havel-a encontrado com outros objectos em uma excavação feita para o caminho próximo a Vianna.»

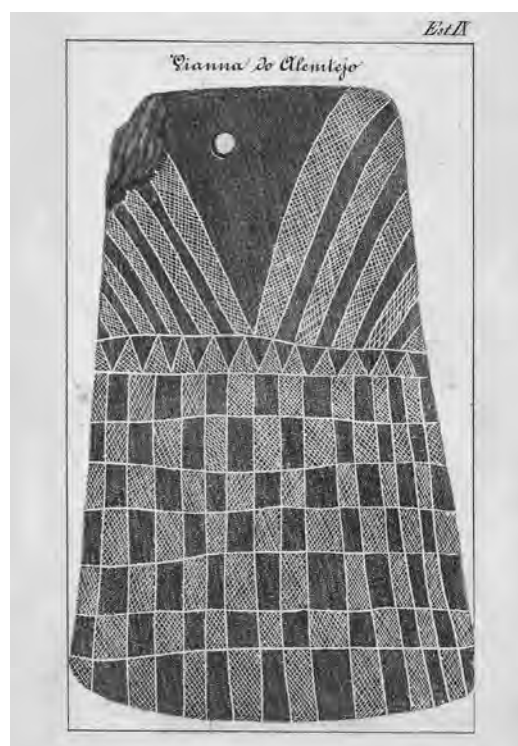


FIG. 5. A mesma placa da figura anterior, publicada em 1887 (Veiga, 1887, Est. IX).

Os dois exemplares de Viana do Alentejo foram referidos por Estácio da Veiga nos seguintes termos: «Duas placas de schisto com gravuras existem no museu mineralógico da escola polytechnica de Lisboa, achadas n'um trabalho de desaterro para o caminho de ferro. Suppõe-se que tenham pertencido a um *dolmen coberto* então destruído.» (Veiga, 1887, p. 457). É possível que se tratasse de um *tholos*, à semelhança de outros existentes na região. Com base na informação apresentada por Estácio da Veiga, Georg e Vera Leisner, em 1959, descrevem sumariamente as duas placas, que observaram no Museu Nacional de Arqueologia, sem as reproduzir, dando-as como provenientes de uma anta (Leisner e Leisner, 1959, p. 240).

Fig. 1, n.º 8 – Fragmento de placa de xisto, cuja origem se desconhece.



FIG. 6. Placa de xisto até ao presente inédita, recolhida aquando da abertura do caminho de ferro, perto de Viana do Alentejo. Decalque de S. P. M. Estácio da Veiga. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de J. L. C.

3. DISCUSSÃO

O báculo e as três placas de xisto cuja origem se conhece resultaram das actividades no domínio da Arqueologia desenvolvidas pela Comissão Geológica de Portugal.

Deste modo, pode concluir-se que, antes da extinção da mesma, todas estas peças integravam os seus valiosos espólios arqueológicos.

Decreto datado de 23 de Dezembro de 1868 determinou o transporte para a Escola Politécnica de todos os pertences da extinta Comissão Geológica, incluindo a livraria e colecções (Cardoso, 2008, 2013b, 2015), na sequência da extinção da mesma a 1 de Fevereiro de 1868. Porém, quando a situação política mudou, um ano depois, por Decreto 18 de Dezembro de 1869, a direcção da Comissão Geológica, de novo reconstituída nas mesmas instalações, embora com outro nome, o de Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, foi entregue a Carlos Ribeiro, já sem Pereira da Costa, tendo Nery Delgado como Adjunto, mas os seus anteriores pertences, na sua maior parte, permaneceram na Escola Politécnica, o que obrigou a reconstituir as colecções.

Tal situação explica que, já na década de 1880, Estácio da Veiga, aquando da reunião de elementos para a redacção do notável estudo sobre as placas de xisto inserido no volume 2 das suas «Antiguidades Monumentaes do Algarve» (Veiga, 1887), tenha visto e decalcado, na Escola Politécnica de Lisboa, os exemplares em apreço, que não retornaram ao seu local de origem.

Falta saber as razões que motivaram a nova transferência para o Museu Nacional de Arqueologia, onde actualmente se encontram.

Ainda que não se conheçam em detalhe os motivos de tal opção, é contudo conhecida a época e os protagonistas que a corporizaram. Com efeito, em 1905, J. Leite de Vasconcelos noticiou nas páginas de «O Arqueólogo Português» que, em Junho de 1905, «O Sr. Director da Escola Polytechnica cedeu ao Museu, com autorização do Governo, numerosos objectos que estavam na mesma Escola, os quaes terão menção especial noutra fasciculo» (Vasconcellos, 1905). Compreende-se bem o interesse de Leite de Vasconcelos no engrandecimento do seu Museu, numa altura em que procurava preencher o vasto espaço que lhe tinha sido alocado, correspondente a uma das alas do Mosteiro dos Jerónimos, inaugurado logo no ano seguinte, em 1906 (Coito, Cardoso e Martins, 2008).

Embora a lista dos espólios oriundos da Escola Politécnica nunca viesse a publicar-se, ela envolvia materiais das grutas da Furninha e da Casa da Moura, ambas exploradas em 1865 e 1866 por Nery Delgado, bem como do povoado pré-histórico da Rotura, dos quais alguns exemplares se encontram reproduzidos na colecção de estampas litográficas já publicada. Assim se explica a actual existência destes e de outros espólios oriundos da então Escola Politécnica no Museu fundado por Leite de Vasconcelos, quando, na verdade, a solução mais lógica fosse a sua devolução à instituição de origem, a então designada Comissão do Serviço Geológico de Portugal, que conservava e conserva, até à actualidade, os espólios decorrentes das explorações subsequentes daquelas estações, especialmente das grutas da Furninha e da Casa da Moura.

A placa de Monte Real possui historial mais complexo, que só agora foi possível conhecer, com base na análise bibliográfica realizada. Com efeito, Manuel Heleno, no início da sua carreira como arqueólogo, publicou monografia dedicada a Monte Real, sua terra natal. Tratando das ocupações humanas mais antigas, refere que em 1864 foi descoberto acidentalmente, por quatro cabouqueiros uma gruta sepulcral de onde se extraíram numerosos restos humanos, os quais foram enterrados no cemitério local, supondo que se tratavam de vítimas dos Franceses (Heleno, 1922, p. 7). No entanto, acrescenta, logo houve quem entendesse que tais restos ascendiam a uma época muito mais recuada, visto se encontrarem acompanhados de utensílios líticos, entre os quais «objectos de lousa, ornamentados de um só lado, que pela descrição que me fizeram reconheci serem chapões preístóricos.» (*op. cit.*, p. 8). É evidente que, em 1864 a conotação de tais restos humanos a popula-

ções pré-históricas só poderia ter sido feita por quem tivesse alguns conhecimentos na matéria, atribuindo Manuel Heleno ao deão da Sé de Leiria tal conclusão, desconhecendo que a mesma se devia ao geólogo da Comissão Geológica de Portugal Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, que elaborou relatório datado de 20 de Junho de 1866, presentemente em curso de publicação (Cardoso, no prelo), dirigido ao Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque. Ali dá conta das explorações por ele conduzidas no terreno, de que resultou a recolha de diversos materiais arqueológicos, entre os quais a placa de xisto em apreço, a qual deu entrada nas colecções da Comissão Geológica. Trata-se de um depósito de facto constituído por muitos restos humanos, acumulados no que parece corresponder a uma fenda do substrato geológico e não a uma gruta, como supôs Manuel Heleno.

Apesar de Manuel Heleno ter declarado que a suposta gruta teria fornecido diversos chapões de lousa, o mesmo optou, no citado estudo, por atribuir ao único exemplar conservado, uma proveniência distinta, atribuindo-o a uma anta, a pretensa «anta de Monte Real» (Heleno, 1922, p. 8). Compreende-se tal confusão, perante a seguinte passagem da autoria de Augusto Filipe Simões: «As placas de schisto riscadas parece terem sido usadas pelos constructores das antas, por se encontrarem algumas d'ellas nas antas de Bellas e de Pavia. Em Bellas, Ancião, Monte Real e Cova da Estria encontraram-se juntamente facas de sílex (...)» (Simões, 1878, p. 52). Note-se que, neste texto, não é clara a atribuição do monumento de Monte Real a uma anta, a qual, na verdade, nunca existiu, provindo a única placa conservada do dito depósito mortuário, de onde foi levada para a Comissão Geológica por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral.

Esta, como Manuel Heleno refere na obra já referida, foi desenhada no Museu Nacional de Arqueologia, sendo proveniente, como o próprio declara (Heleno, 1922, p. 8), da Escola Politécnica, acompanhada de um machado de pedra polida e de uma lâmina de sílex, também por si reproduzidos.

4. CONCLUSÕES

O báculo e as placas de xisto reproduzidos em bela litografia mandada executar pela Comissão Geológica de Portugal, antes de 1868, até ao presente inédita – a décima e última de um conjunto que representa dezenas de monumentos dolménicos portugueses – possuem uma longa história que reflecte, até certo ponto, a própria história da investigação arqueológica em Portugal e das instituições a ela associadas, até ao início do século xx. O autor encontra-se identificado no canto inferior esquerdo da gravura, pelo apelido Castro, correspondente ao do desenhador Angelino da Cruz Silva e Castro, que integrou o «Pessoal Artístico e Auxiliar» da Comissão Geológica de Portugal (1857-1868), que é também o autor da maioria das litografias de peças arqueológicas já publicadas pelo signatário e por J. R. Carreira, em 1996.

O báculo de Martim Afonso foi recolhido no Museu da Comissão Geológica de Portugal, desde a época da sua identificação no terreno, presumivelmente 1864, no decurso da exploração do vizinho concheiro do Cabeço da Arruda, até 1868; neste ano sobreveio a extinção da dita Comissão, o que motivou a sua ida para o Museu da Escola Politécnica de Lisboa, por intervenção directa de Pereira da Costa, onde se conservou até 1905; de então em diante, conserva-se no actual Museu Nacional de Arqueologia, mercê do interesse de Leite de Vasconcelos no engrandecimento das colecções do Museu que fundou, mal se decidiu a instalação do mesmo numa das vastas alas do Mosteiro dos Jerónimos, inaugurada em 1906.

As vicissitudes do paradeiro desta peça aplicam-se também às duas placas de xisto de Viana do Alentejo, ocasionalmente recolhidas aquando da abertura das trincheiras para o caminho de

ferro do Alentejo: primeiro, na Comissão Geológica de Portugal; depois, no Museu da Escola Politécnica de Lisboa; e, finalmente, no Museu Nacional de Arqueologia. Destas duas placas, uma permaneceu estranhamente até agora inédita, a correspondente à Fig. 3, n.º 7, apesar de Estácio da Veiga a ter decalcado, para o seu notável estudo sobre placas de xisto integrado no volume 2 das suas «Antiguidades Monumentaes do Algarve», publicado em 1887 e de Georg e Vera Leisner as terem observado no Museu onde ainda hoje se conservam.

Enfim, foi possível clarificar, com base em documento inédito de Francisco de Vasconcelos Pereira Cabral, a natureza do depósito funerário de onde provém a placa de xisto de Monte Real, até agora dada erroneamente como provindo de uma anta, a «anta de Monte Real», monumento que, como agora seguramente se conclui, jamais existiu.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia, por ter autorizado o acesso e estudo do Arquivo de Estácio da Veiga, de que resultaram já várias publicações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bonstetten, A. de (1865) – *Essai sur les dolmens*. Genève: Imprimerie de Jules-Guillaume Fick.
- Cardoso, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Cardoso, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In Ramalho, M. M. (coord.) – *Nery Delgado (1835-1908) geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia da Ciência – FCTUNL, p. 65-81.
- Cardoso, J. L. (2013a) – Carlos Ribeiro e o reconhecimento do «solo quaternario» do vale do Tejo: enquadramento geológico dos concheiros mesolíticos das ribeiras de Magos e de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 89-100.
- Cardoso, J. L. (2013b) – Carlos Ribeiro, a «Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal» e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- Cardoso, J. L. (2015) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In Bicho, N., Detry, C., Price, T. D., Cunha, E. – *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing, p. 1-18.
- Carneiro, A. (2005) – Outside government Science, «Not a single tiny bone to cheer us up!» The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*, 62, p. 141-204.
- Carneiro, A.; Mota, M. S.; Leitão, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Edições Colibri.
- Carreira, J. R.; Cardoso, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- Coito, L. C.; Cardoso, J. L.; Martins, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo.
- Costa, F. A. P. da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Góngora y Martinez, M. de (1868) – *Antiguedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: Imprenta a cargo de C. Moro.
- Heleno, M. (1922) – *Antiguidades de Monte Real*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter e Co. (Madrider Forschungen Band 1).
- Mortillet, G. de (1868a) – Dolmens de Portugal. *Matériaux pour l'Histoire Primitive de l'Homme*. Paris. 4, p. 336-339.
- Mortillet, G. de (1868b) – Monuments mégalithiques du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Deuxième Session (Paris, 1867)*. Paris: C. Reinwald, p. 180-185.
- Silva, C. T. da; Soares, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- Simões, A. F. (1878) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica. Parte primeira Antiguidades prehistoricas*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- Vasconcelos, J. L. de (1905) – Acquisições do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 89-92.
- Vasconcelos, J. L. de (1914) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 300-323.
- Veiga, S. M. P. E. da (1887) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Tempos prehistoricos. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Velho, E. de L. (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Torpes*. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa.